



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de início da operação com etanol da Usina Termelétrica Juiz de Fora**

**Juiz de Fora - MG, 19 de janeiro de 2010**

Bem, primeiro, meus companheiros, eu vou passar por cima da nominata, aqui, porque todo mundo já foi citado e eu queria apenas cumprimentar os funcionários da Petrobras, mais uma vez, e cumprimentar o José Sergio Gabrielli, e cumprimentar a direção da GE.

Eu penso que cada brasileiro, neste momento, começa a se perguntar o que está acontecendo com o Brasil. Eu não sei se vocês já viveram, na vida pessoal de vocês, tem época que, na casa da gente, na família da gente, nos amigos da gente, no trabalho da gente, parece que tudo dá errado. Parece que tudo dá errado: os filhos não vão bem na escola, a mulher e o marido estão tendo desentendimento até por causa da novela, a família briga por causa dos times de futebol, o salário nunca dá para atender as necessidades da família. Ou seja, tem, tem... A cidade não está bem. Ou seja, tem uma época na vida da gente que está tudo, parece, que meio virado do avesso.

Eu não sei se já aconteceu com vocês, muitas vezes, de acordar e achar que não está valendo a pena viver porque é tudo tão difícil. E o Brasil passou muitas décadas vivendo essa fase negativa. Foram mais de 20 anos em que praticamente uma geração toda não tinha notícia de geração de empregos, não tinha notícia de aumento de vagas nas universidades brasileiras, não tinha notícia do aumento de doutores e mestres nas universidades brasileiras. Só para vocês terem ideia do que aconteceu com o Brasil nesses 20 anos, nós tínhamos, em 1989, nós tínhamos, praticamente, 58 mil empresas de consultoria de engenharia, e em 2002, nós tínhamos apenas 8 mil. Ou seja, as pessoas não estavam mais estudando Engenharia. Muitas vezes, as pessoas



estudavam Engenharia e iam trabalhar no mercado financeiro. As pessoas que aprenderam a tratar [trabalhar] contando tijolo foram contar dinheiro e dar palpite na economia, e aí, era um tanto de analista econômico falando na televisão, os economistas desapareceram... O Virgílio, faz uns 30 anos que não dá uma entrevista como economista, e foi um bom economista do Dieese, durante muito tempo. Então, houve 20 anos, ou vinte e poucos anos, em que o Brasil entrou em uma maré em que as pessoas passaram a desacreditar de tudo.

Eu vou dar um exemplo, já que nós estamos discutindo a produção de uma termelétrica com uma turbina a etanol. Vocês estão lembrados que, na crise do petróleo, em [19]73 – os mais jovens certamente não estão lembrados, mas, como são estudiosos, devem estar lendo alguma coisa a respeito disso. Porque a história da humanidade não é construída apenas pelo futuro, é pelo passado, sobretudo, e o Brasil, a partir da década de 70, sobretudo a partir de [19]75, introduziu o Pró-álcool no Brasil, e nós começamos a produzir carro a álcool. Vocês estão lembrados que, no começo, o carro a álcool era muito difícil? Ele era mais barato, mas as pessoas não gostavam de comprar carro a álcool porque, quem tinha carro a álcool, e ia ligar o carro de manhã, quando estivesse frio, o desgramado precisa colocar mulher, sogra, neto para empurrar o carro, para o carro poder pegar. Ou ficava pisando, pisando, pisando, e o carro rateando. Então, as pessoas passaram a não gostar muito de carro a álcool.

Pois bem. Na década de 90, a gente tinha praticamente quase toda a frota de carro brasileiro a álcool. E, no ano 2000, a gente não tinha praticamente nenhum carro a álcool produzido mais no Brasil. Tinha sido negada a produção de carro a álcool. Veja o que aconteceu a partir de 2003 nessa história: já havia uma proposta antiga, de muito sindicato, de nós trabalharmos a renovação da frota brasileira com a produção de combustível limpo, produzido no Brasil, que era a base do etanol. Mas isso era uma espécie



de ficção. A gente conversava com os empresários, eu participei de muitas reuniões com a indústria automobilística e havia sempre muita cisma, até que, depois de muita discussão, em 2004, a indústria automobilística brasileira resolveu anunciar a produção de carro flex.

O Moraes, que é o presidente dos trabalhadores petroleiros, me disse uma coisa importante: “Antes de nós, a palavra flex, era muito utilizada com flexibilidade no mundo do trabalho, ou seja, facilitar a vida da dispensa dos trabalhadores brasileiros”. Agora, a palavra flex é utilizada para gerar empregos no Brasil com a construção do carro *flex fuel*, que foi uma revolução feita na indústria automobilística, onde o carro não tem mais o problema de pegar de manhã e hoje praticamente 90% dos carros produzidos, no ano passado, na indústria automobilística, foram carros que podem utilizar 100% de álcool, 100% de gasolina, 50%... Ou seja, faça-se qualquer mistura que o carro funciona com a mesma perfeição sem precisar mudar nada.

Mas, nós ainda, tínhamos um pequeno problema. Qual era o problema que nós tínhamos? Era a discussão da questão do clima no mundo e, conseqüentemente, a mudança da matriz energética. Nesse debate, muitas vezes, a inocência, ou talvez, a falta de conhecimento leve alguns companheiros a acharem que é simples a gente encontrar uma nova matriz energética, seja na área de combustível, seja na área de produção de energia elétrica.

Na área de combustível, nós estamos esperando há mais de 50 anos o carro com motor a hidrogênio, ou seja, isso precisa haver uma separação da partícula, que até agora não existe engenharia ou indícios de que alguém vai conseguir separar a partícula de hidrogênio da água para a gente poder produzir um motor a hidrogênio. Mas, de qualquer forma, essa discussão existe, e ela existindo, o Brasil sai na frente. Por que a gente sai na frente? Primeiro, porque nós somos o primeiro país do mundo a ter uma indústria automobilística que produz 90% do carro que pode utilizar álcool e que pode



utilizar gasolina. E algumas empresas estão produzindo um carro triflex, ou seja, você pode utilizar gasolina, você pode utilizar álcool e você pode utilizar gás, se quiser, porque tem um tanquinho de gás e tem um dispositivo que é só mudar lá uma chave, e você consegue utilizar álcool.

Portanto, o povo brasileiro, do ponto de vista desse combustível, está garantido, ainda mais que a Petrobras mandou um pernambucano mergulhar, e o cara chegou a sete mil metros de profundidade e encontrou o pré-sal, que é uma bênção de Deus porque em apenas uma região do pré-sal nós encontramos a mesma quantidade de petróleo que a Petrobras tinha de reserva depois de mais de 50 anos de trabalho. Portanto, nós temos uma grande perspectiva de que o pré-sal possa ser a grande segurança energética, e por que não dizer, segurança do desenvolvimento econômico, do desenvolvimento tecnológico, do desenvolvimento educacional deste país.

Pois bem, mas ainda assim, nós tínhamos um problema: a questão do clima. Todo mundo sabe que o Planeta está sendo aquecido por conta do gás de efeito estufa. Esse gás de efeito estufa, muitas vezes ele é gerado pelo carro que está queimando óleo diesel, pelo carro que está queimando gasolina, pela queimada que existe nas florestas e, portanto, as outras coisas, as fábricas que emitem CO<sup>2</sup> o tempo inteiro...

O dado concreto é que, cientificamente, já está provado que está havendo um aquecimento global, e essa discussão tomou conta do mundo, tomou conta dos ministérios de ciência e tecnologia, tomou conta dos ministérios do meio ambiente e tomou conta da governança global. Acontece que tem um pequeno problema: quem paga a conta? Sabe aquele negócio, que você vai almoçar com toda a família, senta à mesa, convida os cunhados, as cunhadas, os irmãos, as irmãs, os vizinhos, e aí quando o cara traz a conta, a conta está salgada. Aí tem aquele mais esperto que logo inventa de lavar a mão no banheiro na hora em que vem a conta. Não, e tem cara que pede a conta e já corre para o banheiro. Tem uns mais espertos que não voltam mais.



A coisa está mais ou menos assim. Obviamente que os países mais ricos são os países que se desenvolveram mais rapidamente, se industrializaram ainda no século XIX e, portanto, esses países têm, proporcionalmente, uma maior produção de CO<sup>2</sup>, portanto eles têm mais obrigação de financiar o sequestro de carbono e, ao mesmo tempo, de diminuir as emissões de CO<sup>2</sup>. Para diminuir as emissões de CO<sup>2</sup>, tem duas coisas a serem feitas: a primeira é você diminuir o padrão de consumo do mundo ou melhorar esse padrão de consumo, fazendo inovação tecnológica e diminuindo a emissão de CO<sup>2</sup>, e aí custa dinheiro. Aí é preciso saber quem vai pagar a conta. E a segunda hipótese é você pagar para os países que ainda têm muita floresta ou para os países ainda não desenvolvidos, que têm possibilidade de florestar muita área, que esses países possam plantar muita árvore, para poder sequestrar o carbono já existente no ar. E aí é que está a briga: quem vai pagar a conta?

E o Brasil se apresentou em Copenhague com uma posição séria, com uma posição bastante forte. É por isso que o Brasil apresentou os seus números de diminuir as emissões de CO<sup>2</sup> de 36% a 38,9% até 2020, de diminuir em 80% o desmatamento da Amazônia, mas ainda assim a gente não estava contente, porque é preciso fazer mais e garantir, para o futuro, muito mais.

E o que nós temos que fazer? Tem gente que acha que a energia eólica é a solução. Não é. A energia eólica é uma coisa complementar e auxiliar. A gente nunca pode imaginar que a energia eólica vai ser a base da matriz energética de um país que quer crescer 5% ao ano. Não é possível. Mas nós, brasileiros, temos uma matriz, que só exploramos até agora 30% dela, que é a energia hídrica, portanto, é fazer hidrelétricas, respeitando a questão ambiental. E logo, logo, nós vamos apresentar uma novidade para o Brasil, que é uma coisa chamada hidrelétrica plataforma. Nós vamos utilizar a mesma metodologia das plataformas da Petrobras, em que a gente vai desmatar



apenas para fazer a hidrelétrica, depois vai reflorestar tudo outra vez, e, depois, os trabalhadores que vão trabalhar lá, Moraes, vão de helicóptero, vão que nem em uma plataforma. Para que não tenha ninguém xeretando lá perto, para que não tenha gente querendo construir casa lá, ocupação... O trabalhador vai de helicóptero, fica lá 14 dias, como na Petrobras, e depois vai o helicóptero buscar, que é para a gente poder fazer um exemplo para o mundo, de hidrelétrica.

Mas, ainda assim, faltava uma coisa: como potencializar a utilização do etanol na produção de energia elétrica? E aí, é que hoje Juiz de Fora e o Brasil estão falando para o mundo, estão falando para o mundo. A parceria construída entre a Petrobras e a GE está anunciando a capacidade já de produção em escala de turbina, que faz a conversão de uma turbina a gás para uma turbina a álcool. Essa é a revolução na produção de energia elétrica, porque a gente tem muita turbina de óleo diesel, que é muito poluente e gasta muito, a gente tem termelétrica a gás, mas que nós ainda não temos autossuficiência no gás, precisamos importar gás de outros países. Mas, no álcool, nós temos autossuficiência, temos terra, tecnologia e condições de plantar mais muito etanol neste país, gerando mais empregos. Sobretudo agora, que, sob a coordenação do Dulci e a participação do movimento sindical, a gente conseguiu humanizar o mundo do trabalho, para que o cortador de cana não seja mais escravo. Que ele tenha banheiro, que ele tenha comida quente, que ele tenha água gelada, que ele tenha transporte adequado para que ele possa transitar.

Bem, nós... E eu queria dizer para a GE e dizer para a Petrobras que eu penso que o fato de hoje é um fato histórico. Porque, daqui para a frente, muitos países vão perceber que duas empresas: uma que dá garantia da matéria-prima e a outra que dá garantia da tecnologia como a GE. Uma, a Petrobras e outra, a GE, se juntaram e conseguiram produzir o milagre de produzir uma turbina que vai produzir energia à base do etanol.



E aí eu penso que o mundo desenvolvido vai ter que olhar com outros olhos o etanol. Acho que os próprios Estados Unidos, que produzem muito etanol de milho, vão ter que repensar, porque fica muito caro produzir etanol de milho, e também porque vai faltar matéria-prima para dar ração para as nossas galinhas, para os nossos galos, para os nossos porcos, para os nossos bodes. Nós haveremos de, um dia, convencer os nossos companheiros americanos de que não é, eu diria, uma boa política, você produzir mais etanol de milho; é importante produzir de cana. Se não tiver terra lá, porque tem muita terra nos Estados Unidos, façam parceria conosco que nós temos terra para oferecer para a gente produzir cana-de-açúcar à vontade neste país.

E eu penso que todo o mundo desenvolvido, na hora em que tiver que assumir o compromisso de cumprir o Protocolo de Quioto, de diminuir as emissões de gases de efeito estufa, eles vão ter que entrar na questão do etanol como nunca entraram. Por enquanto, eles tratam o etanol como se fosse uma coisa de um país de Terceiro Mundo, como se fosse uma coisa do Brasil. Agora eles vão ter que tratar com muito mais respeito porque, do ponto de vista tecnológico, Petrobras e GE fazendo essa dobradinha, é como Pelé e Coutinho, é como Dirceu Lopes e Tostão, é como Cerezo e Paulo Isidoro, é como Zico e Júnior, é como Pelé e Coutinho. Vai daí para fora. Garrincha e Didi...

Então, eu acho que a gente só tem que dar parabéns à Petrobras, dar parabéns à GE e dar parabéns a Minas Gerais e a Juiz de Fora, porque esse filho novo da matriz de combustível mundial e da produção de energia elétrica nasceu na cidade de Juiz de Fora, e daqui, certamente, vai ganhar o mundo.

Parabéns, General Electric. Parabéns, Petrobras. E parabéns, Juiz de Fora. Um abraço.

(\$211A)



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---